

Anexo II. B

**O texto narrativo— *Os Maias*
(11º ano)**

Anexo II. B1

Planificação de sequência de
aprendizagem

MESTRADO EM ENSINO DE LÍNGUAS NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO
VARIANTE PORTUGUÊS E ESPANHOL
PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

PLANIFICAÇÃO E ROTEIRO DE AULA
DE PORTUGUÊS

Os Maias
Eça de Queirós
11º ano

(100 + 100mns)

Projeto: Exposição oral da caracterização física e psicológica das personagens da obra

Docente: Prof. Doutor Joaquim Guerra

Discente: Sofia Mendes nº 7942

Faro, junho de 2014

Nome da sequência: *Os Maias*, de Eça de Queirós

Projeto final: Exposição oral da caracterização física e psicológica das personagens principais e secundárias da obra narrativa *Os Maias*.

Ano de escolaridade: 11º ano do Ensino Secundário.

Duração estimada: 100' + 100'

Objetivos:

- Desenvolver os processos linguísticos, cognitivos e metacognitivos necessários à operacionalização de cada uma das competências de compreensão e produção nas modalidades oral e escrita;
- Interpretar textos/discursos orais e escritos, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem;
- Desenvolver capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, onde predominam efeitos estéticos e retóricos, nomeadamente os textos literários, mas também os do domínio da publicidade e da informação mediática;
- Desenvolver o gosto pela leitura dos textos de literatura em língua portuguesa e da literatura universal, como forma de descobrir a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua e de ampliar o conhecimento do mundo;
- Expressar-se oralmente e por escrito com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação;
- Desenvolver práticas de relacionamento interpessoal favoráveis ao exercício da autonomia, da cidadania, do sentido de responsabilidade, cooperação e solidariedade.

Leitura:

- Utilizar estratégias de leitura diversificadas;
- Captar o sentido e interpretar textos escritos;
- Utilizar diferentes recursos e fontes de informação para dar resposta a necessidades concretas de informação e de aprendizagem.

Compreensão/expressão oral:

- Utilizar estratégias de escuta adequadas;
- Captar as ideias essenciais e as intenções de textos orais de diferentes tipos e de níveis distintos de formalização;
- Produzir textos orais de diferentes tipos e níveis distintos de formalização.

Expressão escrita:

- Produzir enunciados escritos, respeitando a estrutura morfossintática da língua.

Conteúdos associativos: (cf. roteiro)

Conhecimentos prévios (cf. roteiro)

Tema interdisciplinar: História de Portugal

Primeira Aula- 100 mns

Competência		Desempenhos e Conteúdos Associados				Experiência de Aprendizagem		Metodologia de Trabalho	Recursos a Disponibilizar	Tp
Foco	De comunicação	Estratégica	Objetivos	Conhecimento Prévio	Conteúdo(s) de Aprendizagem	Atividade(s)	Resultado(s)			
EO	Estratégica		- Mobilizar conhecimentos prévios.		Discurso.	1) Retoma dos conteúdos da aula anterior.	- Ativação de conhecimentos prévios.	Grupo turma	Ficha de trabalho 1: “Análise de capas de obras de Eça de Queirós” (anexo 1). Quadro Powerpoint: Projecção das capas das obras de Eça de Queirós.	10'
			- Expressar pontos de vista.		Características da fala espontânea e da fala preparada.	2) Chuva de ideias (obras de Eça de Queirós).	- Apreciação de aspetos relacionados com a obra de Eça de Queirós.			8'
			- Descrever e interpretar imagens.		Adequação discursiva.	3) Análise de capas e títulos de obras de Eça de Queirós e troca de opiniões acerca dos temas dos mesmos.	- Descoberta de sentidos implícitos em aspetos paratextuais nas obras do autor.			15'
CE	Discursiva/textual		- Aprender criticamente o significado e a intencionalidade de textos escritos.		Discurso	4) Leitura de excertos de obras de Eça de Queirós e associação aos títulos das obras.	- Compreensão e interpretação de enunciados escritos.	Pares	Ficha de trabalho 1: “Análise de capas de obras de Eça de Queirós” (anexo 1). Ficha de trabalho 2: “Vida e obra de Eça de Queirós” (anexo 2). Ficha de trabalho 3: “Ficha de verificação da leitura” (anexo 3).	12'
			- Ler com fluência.		Características do discurso oral.	6) Leitura e verificação das respostas dadas, aquando do preenchimento da grelha sobre a vida e obra de Eça de Queirós	- Verificação da leitura efetuada da obra <i>Os Maias</i> .	Individual		10'
						7) Resolução de uma ficha de verificação da leitura da obra <i>Os Maias</i> .		Individual		18'

						8) Correção da ficha de verificação da leitura.		Pares	Powerpoint: “Correção do questionárioVF” (anexo 3).	12’
CO	Estratégica		- Saber escutar criticamente discursos orais, identificando fatos, opiniões e enunciados		Discurso Características do discurso oral (texto expositivo).	5) Audição de um excerto sobre a vida e obra de Eça de Queirós e preenchimento de uma grelha.	- Conhecimento de aspetos relacionados com a vida e obra de Eça de Queirós.	Individual	Ficha de trabalho 2: “Vida e obra de Eça de Queirós” (anexo 3).	12’

Segunda Aula- 100 mns

Competência		Desempenhos e Conteúdos Associados				Experiência de Aprendizagem		Metodologia de Trabalho	Recursos a Disponibilizar	Tp
Foco	De comunicação	Estratégica	Objetivos	Conhecimento Prévio	Conteúdo(s) de Aprendizagem	Atividade(s)	Resultado(s)			
EO	Estratégica		- Mobilizar conhecimentos anteriores.	Texto literário: texto narrativo.	Texto literário: texto narrativo.	1) Retoma dos conteúdos da aula anterior.	- Ativação de conhecimentos prévios.	Grupo Turma	Ficha de trabalho 4: “Guião de leitura, capítulo I” (anexo 4). Ficha de trabalho 5: “Excertos caracterização personagens” (anexo 5).	8'
			- Expressar pontos de vista.	As personagens	Estratégia discursiva.	9) Apresentação das personagens principais e secundárias da obra <i>Os Maias</i> .	- Conhecimento das características físicas e psicológicas das personagens de <i>Os Maias</i> .	Grupos de três		30'
CE	Discursiva/textual		- Apreender os sentidos do texto.		Texto literário: texto narrativo.	2) Visionamento de um excerto da série "Os Maias", produzida pela rede Globo e leitura de excertos pertencentes ao capítulo I da obra.	- Interpretação e compreensão excertos do capítulo I da obra <i>os Maias</i> .	Pares	Excerto série: "Os Maias". Ficha de trabalho 4: “Guião de leitura, capítulo I” (anexo 4).	8'
			- Mobilizar conhecimentos prévios.		Estratégia discursiva.	3) Reflexão sobre o título e o subtítulo da obra.				
							Marcas de subjectividade.	4) Resolução de um questionário de interpretação sobre os excertos do capítulo I.	-Distinção entre informação	Grupo turma
					5) Correção do		Grupos de três			

ROTEIRO DE AULA 1

Contexto: Na aula anterior, os alunos trabalharam aspetos relacionados com o contexto cultural da Geração de 70 (a Questão Coimbrã, o Cenáculo, as Conferências do Casino) e os movimentos literários (Realismo, Naturalismo).

Sumário:

- Vida e obra de Eça de Queirós.
- Resolução de uma ficha de verificação da leitura sobre a obra *Os Maias*, de Eça de Queirós.
- Correção da ficha de verificação da leitura.

Atividades – 1ª Aula de 100mns	
0	<p>Atividade: Abertura da lição.</p> <p>Descrição: A docente abre a lição, dita o sumário e faz a chamada.</p>
1	<p>Atividade: Retoma dos conteúdos lecionados na aula anterior.</p> <p>Descrição: Oralmente, os discentes reveem aspetos relacionados com a época e correntes literárias em que se insere Eça de Queirós e recordam dados que remetem para a contextualização histórica, política, económica e social da época.</p>
2	<p>Atividade de motivação: Chuva de ideias as obras de Eça de Queirós.</p> <p>Descrição: Escreve-se no quadro o nome do autor e os discentes referem obras que conheçam.</p>
3	<p>Atividade de motivação: Análise de aspetos paratextuais das obras de Eça de Queirós (anexo 1).</p> <p>Descrição: Os discentes devem observar as capas (ilustrações e títulos) das obras e antecipar o tema das mesmas.</p>
4	<p>Atividade: Leitura e associação dos excertos aos títulos das obras (anexo 1).</p> <p>Descrição: Solicita-se aos discentes que, em pares, leiam os excertos apresentados e os associem aos títulos das obras, tendo em conta as opiniões partilhadas, aquando da atividade anterior. De seguida, procede-se à correção oral do exercício, a partir das intervenções dos discentes.</p>
5	<p>Atividade: Audição da vida e obra de Eça de Queirós e preenchimento de uma grelha (anexo 5).</p> <p>Descrição: Os alunos ouvem um texto sobre a vida e obra de Eça de Queirós e completam a informação em falta no quadro distribuído para o efeito.</p>

6	<p>Atividade: Leitura da informação sobre a vida e obra do autor e correção do exercício de compreensão oral (anexo 2).</p> <p>Descrição: Solicita-se aos discentes que, a partir da leitura do texto (adaptado de <i>História da Literatura Portuguesa</i>, de António José Saraiva e Óscar Lopes), verifiquem as suas respostas.</p>
7	<p>Atividade: Elaboração de uma ficha de verificação da leitura sobre a obra <i>Os Maias</i>, de Eça de Queirós (anexo 3).</p> <p>Descrição: Com vista a verificar a leitura elaborada da obra a estudar, solicita-se aos discentes que respondam ao questionário de verificação da leitura.</p>
8	<p>Atividade: Correção da ficha de verificação da leitura e atribuição da pontuação (anexo 3).</p> <p>Descrição: Os alunos trocam as fichas com os colegas de mesa e a professora projeta a correção da ficha. Os alunos procedem à correção e no final somam os pontos obtidos pelo colega, informando-os acerca da sua pontuação.</p>

ROTEIRO DE AULA 2

Sumário:

- Leitura de excertos do capítulo I da obra e elaboração de um questionário de interpretação.
- Elaboração da caracterização física e psicológica de personagens principais e secundárias.
- Apresentação oral.

Atividades – 2ª Aula de 100mns	
0	Atividade: Abertura da lição. Descrição: A docente abre a lição, dita o sumário e faz a chamada.
1	Atividade: Retoma dos conteúdos leccionados. Descrição: Oralmente, os alunos reveem aspetos relacionados com a vida e obra de Eça de Queirós e sobre a obra <i>Os Maias</i> .
2	Atividade: Visionamento de um excerto inicial da série "Os Maias", produzida pela Rede Globo e leitura crítica dos excertos do capítulo I da obra <i>Os Maias</i> . Descrição: Os discentes visualizam um excerto da série "Os Maias" (http://www.youtube.com/watch?v=mJllad0E9Js), e identificam, a posteriori, as personagens intervenientes.
3	Atividade: Reflexão sobre o título e o subtítulo da obra. Descrição: Seguidamente, os discentes refletem sobre o título e o subtítulo atribuído pelo autor, relacionando- os com a sua ação e personagens.
4	Atividade: Resolução de um questionário de interpretação sobre os excertos do capítulo I (anexo 4). Descrição: Seguidamente, refletem sobre o título e o subtítulo atribuído pelo autor, relacionando- os com a sua ação e personagens. Entregar-se-á os excertos pertencentes ao capítulo I e os discentes, em pares, respondem por escrito ao questionário de interpretação.
5	Atividade: Correção do questionário de interpretação sobre excertos do capítulo I da obra <i>Os Maias</i> (anexo 4) Descrição: Os discentes procederão à correção do questionário oralmente e por escrito

	no quadro.
6	<p>Atividade: Identificação das personagens da obra.</p> <p>Descrição: Partindo da identificação de algumas personagens presentes nos excertos trabalhados anteriormente, os discentes identificam algumas das personagens mais importantes da obra. Depois, os discentes, em grupos de três, selecionam um número de um a sete e ser-lhes-á atribuída uma personagem, sobre a qual se debruçarão na atividade seguinte.</p>
7	<p>Atividade: Leitura de excertos da obra, sobre os personagens principais e secundários.</p> <p>Descrição: Entregar-se-á a ficha com os excertos sobre a personagem e o grupo terá de proceder à caracterização física e psicológica da mesma. Poderão, ainda, se o desejarem consultar a obra <i>Os Maias</i>, com o intuito de procurar mais informação.</p>
8	<p>Atividade: Preenchimento do quadro sobre a caracterização física e psicológica de personagens principais e secundárias da obra <i>Os Maias</i> (anexo 6).</p> <p>Descrição: A partir das informações presentes no excerto, o grupo preenche os dados, no que concerne à sua personagem.</p>
9	<p>Atividade: Apresentação oral da caracterização física e psicológica das personagens (anexo 6).</p> <p>Descrição: Os discentes apresentam ao grupo as suas conclusões, no que concerne a caracterização física e psicológica da personagem que trabalharam. Durante as exposições orais, os discentes preenchem a grelha com as características apresentadas. A professora dá o feedback e esclarece eventuais dúvidas.</p>
10	<p>Atividade: Autoavaliação do desempenho, aquando da realização do trabalho em grupo (anexo 7).</p> <p>Descrição: A docente entregará uma ficha de auto-avaliação, na qual os discentes terão de refletir sobre o seu desempenho durante a realização do trabalho em grupo. Esta avaliação servirá como avaliação formativa, já que permitirá dar um feedback aos alunos sobre as competências demonstradas.</p>

Anexo II. B2

Fundamentação teórico-metodológica

Fundamentação teórico-metodológica

De acordo com o Ministério da Educação o Programa de Português para o Ensino Secundário:

[é] um instrumento regulador do ensino-aprendizagem da língua portuguesa nas componentes de compreensão oral, expressão oral, expressão escrita, leitura e funcionamento da língua (...) [atribuindo-se] particular importância à reflexão sobre a estrutura e funcionamento da língua, [o que proporciona] a aprendizagem e a sistematização de conhecimentos e o desenvolvimento de uma consciência linguística e uma dimensão estética da linguagem. Assenta num modelo de comunicação, entendido enquanto ação, com duas competências em interação: a de comunicação e a estratégica” (Coelho *et al.*, 2002, p. 8).

Deste modo, a partir da sua leitura, podemos concluir que a aula de português é o lugar, por excelência, onde se devem desenvolver as competências nucleares, cabendo ao professor promover espaços de partilha que permitam formar discentes conscientes, autónomos e construtores do seu próprio conhecimento.

A presente sequência, constituída por duas aulas de 100 minutos, tem por intuito a leitura e a compreensão de excertos da obra *Os Maias* e como projecto final a apresentação oral de aspetos relacionados com a caracterização física e psicológica das suas personagens. Julgo tratar-se de uma atividade significativa para os discentes, já que se pretende que sejam capazes de: (i) desenvolver os processos linguísticos, cognitivos e metacognitivos necessários à operacionalização de cada uma das competências de compreensão e produção nas modalidades oral e escrita; (ii) interpretar textos/discursos orais e escritos, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem; e (iii) desenvolver capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, onde predominam efeitos estéticos e retóricos, nomeadamente os textos literários de autores portugueses, presentes no Programa.

Assim, a primeira aula da sequência de 100 minutos tem como competências foco a expressão oral e a compreensão escrita, centrando-se no estudo da obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, conteúdo nuclear do Programa de Português de 11º ano do Ensino Secundário, para os Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos.

Inicialmente, retomar-se-ão aspetos sociais, políticos, históricos e económicos relacionados com a época em estudo (**atividade 1**), a fim de estabelecer uma ligação com a presente aula.

Em seguida, promover-se-á uma atividade de motivação (chuva de ideias) que pretende ativar e mobilizar os conhecimentos dos discentes sobre a vasta obra do autor Eça de Queirós (**atividade 2**). Nesse sentido, passar-se-á, então, à apreciação e exploração de aspetos paratextuais de algumas das suas obras (**atividade 3**) com o intuito de despertar o interesse e a curiosidade sobre outros títulos do autor. Aquando desta atividade, os discentes deverão exprimir pontos de vista e argumentar as suas opiniões, oralmente, desenvolvendo, de uma forma mais eficaz, as suas competências ao nível da oralidade, uma vez que “(...) a Escola deve estimular no aluno o autoconhecimento e a expressão de si, pelo que deve instituir práticas de produção oral” (Coelho *et al.*, 2002, p. 18).

Na atividade 4, leitura de excertos de obras de Eça de Queirós e associação aos títulos, pretende-se que os discentes procedam à leitura dos enunciados escritos apresentados e, paralelamente, estabeleçam uma relação entre estes. A meu ver, esta atividade permitirá que o aluno apreenda criticamente o significado e a intencionalidade dos textos escritos, criando-se um espaço que favorece, fundamentalmente, a interação verbal, “(...) para a formação de cidadãos livres, emancipados, responsáveis e autodeterminados” (Coelho *et al.*, 2002, p. 18).

Posto isto, abrir-se-á caminho para a abordagem de aspetos relacionados com a vida e a obra de Eça de Queirós (**atividade 5**), sendo que, nesse sentido, promover-se-á a escuta ativa de um suporte audio (*Comunicar 11*, Porto Editora), para que os alunos preencham um quadro lacunar que sistematiza algumas das informações mais importantes da vida do autor. Pretende-se que os aprendentes sejam capazes de saber escutar discursos orais e compreendê-los, selecionando a informação pertinente.

Seguidamente (**atividade 6**), os aprendentes procederão à correção do exercício anterior, a partir da leitura do texto antes escutado. Pretende-se, deste modo, que os alunos sejam capazes de procurar dados e informação específica.

Com o intuito de dar início ao estudo da obra *Os Maias* de Eça de Queirós, e a fim de se verificar a leitura realizada pelos alunos da mesma, distribuir-se-á a ficha de verificação da leitura (**atividade 7**), que consiste num questionário de verdadeiro /

falso e correção das afirmações falsas. Por conseguinte, será possível aferir os conhecimentos dos alunos ao nível da leitura global do enunciado, já que segundo o Programa de Português:

o que importa é fazer do aluno um leitor ativo, capaz de selecionar informação, formular hipóteses, construir sentidos, mobilizando referências culturais diversas, comparar / confrontar textos lidos, tornando-se progressivamente mais competente como leitor (Coelho *et al.*, 2002, p. 24).

Seguidamente, após a resolução da ficha, os discentes trocarão entre si os seus enunciados e, de acordo com o *powerpoint* projetado, procederão à sua correção **(atividade 8)**. A posteriori, terão de avaliar quantitativamente a ficha do companheiro de acordo com a grelha de pontos facultada. Com esta atividade de heterocorreção poderão, por um lado, verificar as suas lacunas e refletir sobre as suas leituras, propiciando-se, sobretudo, uma avaliação equitativa entre professor e alunos e, por outro, permitirá que a docente tome, oportunamente, nota das classificações obtidas pelos discentes na grelha construída para o efeito, reforçando-se a necessidade de se avaliar de uma forma processual o seu desempenho. Nas palavras de Perrenoud (1998):

Ensinar é esforçar-se para orientar o processo de aprendizagem para o domínio de um currículo definido, o que não acontece sem um mínimo de regulação dos processos de aprendizagem no decorrer do ano escolar. Essa regulação passa por intervenções corretoras, baseadas em uma apreciação dos progressos e do trabalho dos alunos (pág. 3).

Desta forma, a docente poderá acompanhar o processo de ensino-aprendizagem e pôr em prática estratégias que favoreçam aprendizagens significativas por parte dos alunos, tal como sugere o autor:

levando o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreender melhor seus funcionamentos, de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe, tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens (Perrenoud, 1998, p. 4).

Pretende-se, portanto, acompanhar as aprendizagens adquiridas pelos discentes, centrando-se a ação pedagógica numa avaliação formativa que norteará as

estratégias a aplicar e as metodologias em prol de um ensino centrado no aluno, que valoriza os seus interesses e expectativas.

Na segunda aula (100mns), trabalhar-se-á, fundamentalmente, a compreensão escrita e a produção oral, a partir da leitura de vários excertos da obra *Os Maias*. De forma a retomar os conteúdos trabalhados na aula anterior, iniciar-se-á a aula com uma breve revisão dos conteúdos abordados anteriormente (**atividade 1**). Esta atividade adquire suma importância, visto que activará a memória dos alunos, estabelecendo uma união/ligação entre os vários momentos da aprendizagem.

A atividade 2, que consiste na leitura e compreensão de excertos pertencentes ao capítulo I da obra *Os Maias*, funcionará como ponto de partida para o estudo das características físicas e psicológicas das personagens, projeto final da presente sequência. Antes da leitura, os discentes assistirão a um excerto da série "Os Maias", produzida pela Rede Globo, no sentido de identificarem alguns dos seus intervenientes. Seguidamente, em pares, terão de responder a um questionário de interpretação (**atividade 3**) que lhes permitirá apreender sentidos explícitos e inferir sentidos implícitos, facilitando, assim, o seu desenvolvimento "(...) em vários níveis de proficiência a partir do convívio refletido com os textos e outras mensagens gráficas" (Coelho *et al.*, 2002, p. 24).

No momento seguinte, proceder-se-á à correção do questionário (**atividade 4**) e abrir-se-á caminho para o projeto final da sequência.

Para a elaboração das **atividades 5 e 6**, identificação das personagens da obra e caracterização física e psicológica das mesmas, serão elaborados grupos de três elementos e atribuída uma personagem a cada um deles. A docente dará instruções aos aprendentes sobre o tema e os objetivos que se pretendem alcançar; o tempo necessário para a realização da atividade; a planificação do trabalho, com a indicação dos passos a seguir e as fontes a consultar e o material a empregar, de acordo com o exposto por Assunção & Reis (1998). Pretende-se, justamente, promover o trabalho em equipa e desenvolver nos alunos competências de selecção de informação a partir de enunciados escritos, de extracção de conclusões de acordo com as leituras realizadas, de desenvolvimento do espírito de equipa, de argumentação e de tomada de notas. Durante a realização do trabalho, os vários grupos terão de sistematizar as informações recolhidas numa grelha entregue para o efeito (**atividade 7**).

Posteriormente, os vários grupos apresentarão oralmente as suas conclusões à turma (**atividade 8**). Os aprendentes mobilizarão estratégias ao nível da oralidade de uma forma desbloqueada e autónoma, o que, uma vez mais, é explanado no Programa:

o desenvolvimento e consolidação da competência de comunicação do aluno, nas suas várias componentes, através da sua exposição a vários géneros públicos e formais do oral de complexidade e formalidade crescente (Coelho *et al.*, 2002, pp. 18,19).

Aquando das apresentações orais, os aprendentes preencherão a grelha de caracterização das personagens, para que tenham o suporte escrito da informação transmitida.

No que concerne à avaliação, momento não menos importante no processo de ensino-aprendizagem, o Programa de Português para o Ensino Secundário sustenta que:

Através da avaliação, nas suas diferentes modalidades (diagnóstica, formativa e sumativa), será possível, utilizando os instrumentos adequados, proceder à despistagem das dificuldades e dos erros que, numa perspetiva formativa, servirão de suporte a uma prática pedagógica diferenciada (Coelho *et al.*, 2002, p. 29).

Assim sendo, elaborei uma grelha de observação direta que pretende avaliar as atitudes dos discentes, no que concerne à participação, ao empenho, ao comportamento e a outros elementos que considere pertinentes. Este registo de avaliação permitirá regular a avaliação e verificar a evolução dos discentes no que concerne ao seu desempenho.

A grelha de autoavaliação da sequência didática, que se aplicará no final (**atividade 9**), surge para que os alunos reflitam sobre as suas aprendizagens e dificuldades, implicando-os no processo de aprendizagem. A partir da sua análise, o professor poderá aperceber-se do caminho encetado pelos discentes, adequando as estratégias e atividades em futuras sequências. Esta ficha pretende evidenciar a importância da existência de uma avaliação formativa, pois os mesmos, de acordo com Perrenoud, ajudam "(...) o aluno a aprender e a se desenvolver (...) regulando processos de aprendizagem" (Perrenoud, 1998, p. 4).

Ainda no que diz respeito à avaliação das competências, o docente, em diversos momentos da aula, procederá ao registo da avaliação em grelhas concebidas para esse efeito, dando-se, portanto, especial destaque à avaliação processual, cada vez mais defendida por Coelho *et al.* (2002), Perrenoud (1998) e Ribeiro (1997). Além do mais, a docente dará, também, o *feedback* adequado em cada momento da aula, com o objetivo de facultar aprendizagens significativas:

é necessário verificar, ao longo do percurso, se estão a ser cometidos erros ou desvios que vão impedir que se obtenha o produto desejado, o que, a não ser feito, pode conduzir a um insucesso final já sem remédio. A avaliação ao longo do trajeto a percorrer permite, pelo contrário, introduzir correções ou estratégias alternativas, quando as circunstâncias o justifiquem, e reconduzir o projeto à rota traçada (Ribeiro, 1997, p. 5).

Em jeito de conclusão, sustento que a presente sequência didática promove a aquisição e o desenvolvimento de competências fundamentais ao nível da expressão oral, da compreensão oral, da leitura e da expressão escrita, valorizando-se o saber-estar, o saber-fazer e o saber-ser.

Posto isto, pretendo ainda realçar a importância do papel do professor que, como orientador do processo de ensino-aprendizagem, deve refletir, a cada momento, sobre a sua prática pedagógica. Segundo Alarcão (2001),

Não posso conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se interrogue perante o insucesso de alguns alunos, que não faça dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no local de experimentação que é a sala de aula (Alarcão, 2001, p. 11).

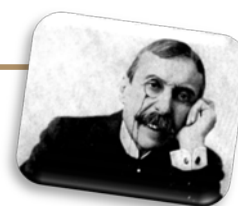
É o professor que poderá promover um ambiente de saber e partilha que favorecerá, integralmente, a aquisição das competências e a formação do indivíduo. O professor deve reformular as suas conceções e opções a cada momento, uma vez que tem pela frente uma sociedade complexa em constante devir.

Anexo II. B3

Materiais e recursos didáticos

Oralidade

Eça de Queirós A obra



As capas dos livros, por vezes, constituem um importante elemento paratextual e permitem antecipar alguns aspetos da leitura/interpretação das obras.

1. **Observa**, atentamente, as capas que se seguem das várias obras do autor Eça de Queirós.

Adaptado de *Outros Percursos*, ASA

1.1. **Descreve** cada uma das capas a partir dos elementos que a compõem (as personagens, os objetos, as cores, etc.)

1.1.1. **Na tua opinião**, qual é o tema central de cada uma delas?



2. **Lê**, atentamente, os excertos a seguir transcritos:

1

“Eis aquí a muralha que cerca a Cidade Interdita, morada santa do imperador (...).

E lá fomos penetrando na Cidade Chinesa, pela porta monstruosa de Tchin-Men. Aqui habita a burguesia, o mercador e a populaça. As ruas alinham-se como uma pauta (...).”

2

“Mas pouco a pouco o desejo de uma felicidade mais íntima, mais completa foi crescendo neles. Não lhes bastava já essa curta manhã no divã com os pássaros cantando por cima, a quinta chia de sol, tudo acordado em redor: apeteciam o longo contentamento de uma longa noite...”

3

“E Amélia, que ficara branca como a cal, teve imediatamente a certeza que o pároco, aterrado com o escândalo do jornal, aconselhado pelos padres timoratos, zelosos ‘do bom nome do clero’ – tratava de se descartar dela! Mas, cautelosa, diante das amigas da mãe, escondeu o seu desespero: foi mesmo sentar-se ao piano, e tocou mazurcas tão estrondosas...”

4

“Esteta desencantado da civilização urbana, e do mundo tecnológico que o fim do século anunciava, volta os olhos para “os simples”, que sempre tinha amado, e para a serra, tonificante da má saúde parisiense- sem por isso deixar de ter consciência das duras realidades.”

5

“E Luísa suspirado, tinha beijado o papel devotadamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas...”



Adaptado de *Outros Percursos*, ASA.

2.1. **Associa** cada um dos excertos à respetiva obra.

2.1.1. **Justifica** as tuas respostas.

Bom trabalho!

Compreensão auditiva

Eça de Queirós Vida e obra



1. **Escuta** o texto autobiográfico sobre Eça de Queirós.
2. De acordo com a audição, **preenche o quadro** com o percurso biográfico do autor.

O Homem	O escritor
25/11/1845-	1870- Publicação em folhetins, no <i>Diário de Notícias</i> , da novela escrita com Ramalho Ortigão, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> .
1861- Estudante de leis em Coimbra	1871- Lançamento de <i>As Farpas</i> .
1867-	1872-
1869- Viagem ao Oriente para assistir à inauguração do canal de Suez.	
1871-	
1872- Colocação em Havana como diplomata.	
1874- Funções diplomáticas em Inglaterra.	
1889- Nomeação de Cônsul para Paris.	1888-
1889/1892- Fundação da Revista de Portugal, onde colabora com outros amigos.	1889/1890- Publicação na "Revista de Portugal" de <i>Correspondência de Fradique Mendes</i> .
16/08/1900-	1897- Publicação na "Revista Moderna" de <i>A Ilustre Casa de Ramires</i> .

Adaptado de *Outros Percursos*, ASA.

BOM TRABALHO!



3. Confirma os dados com a leitura do texto:

José Maria Eça de Queirós (n. Póvoa de Varzim, 25/11/1845- f. 16/08/1900) era originário da burguesia culta, filho de um magistrado. (...)

Estudante de leis em Coimbra [1861] (...) só quase no fim do curso se estreia como escritor, em folhetins iniciados *Notas Marginais* na *Gazeta de Portugal*. Estes folhetins vieram a ser escolhidos e publicados postumamente nas *Prosas Bárbara*. Depois de abrir banca de advogado em Lisboa, aceita a redação de um jornal o *Distrito de Évora*, mas regressa pouco depois e agrega-se ao *Cenáculo* (1867). Uma viagem que faz ao Oriente (1869) para assistir à inauguração do canal de Suez encontra-o já numa fase decisiva da sua evolução mental – o que se deteta nas impressões de viagem, aliás também sugestionadas por orientalistas, que vieram a ser parcialmente inseridas no livro póstumo *O Egito* (1870). No ano seguinte, publica em folhetins no *Diário de Notícias*, em colaboração com Ramalho (Ortigão), a sua primeira tentativa ficcionista – o *Mistério da Estrada de Sintra*; lança também *As Farpas* com Ramalho e profere a Conferência do Casino (1871).

Com a sua colocação em Havana (diplomata), em 1872, afasta-se do meio português onde só volta a viver curtos períodos. Transferido em 1874 para Inglaterra, escreve aí *O Primo Basílio*, romance editado em volume, em 1878, enquanto apura o texto do Padre Amaro, precipitadamente saído na *Revista Ocidental* (1875), e depois, muito remodelado, em volume, no ano seguinte, e novamente refundido ainda em 1880. Eça planeou, entretanto, um grande empreendimento, uma coleção de novelas com o título de *Cenas Portuguesas*, que refundiu por várias vezes e sob diversos títulos: daí nasceu a panorâmica social de *Os Maias*. (...)

Com *Os Maias* (afinal só publicado em 1888) pode considerar-se encerrada a fase da obra de Eça de Queirós iniciada com *O Crime do Padre Amaro*. O autor ligara-se a uma família aristocrática, casando com a irmã de um amigo seu, o conde de Resende. Fixa-se em Paris, para onde é nomeado cônsul em 1889. Ainda a publicação de duas obras, a *Correspondência de Fradique Mendes*, na "Revista de Portugal" (1889-1890), e *A Ilustre Casa de Ramires*, na "Revista Moderna" (1897), obras que só postumamente vieram a ser editadas em volume. Mas a sua pena, cada vez mais atarefada, dispersa-se em empreendimentos vários: além da colaboração nos jornais portugueses e brasileiros, uma importante revista que funda e dirige, a *Revista de Portugal* (1889-1892), onde colaboram alguns dos seus companheiros de geração e outros, como Antero, Oliveira Martins, Alberto Sampaio, Moniz Barreto, etc. e co-organiza o prefacia o *Almanaque Enciclopédico* (1896, 1897).

É no meio desta azáfama, aliás destinada a prover a uma família cada vez mais numerosa, que Eça morre na sua residência de Neuilly, Paris. Deixava ainda inédito um espólio literário considerável.

Adaptado de António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1976, 17ª edição, corrigida e atualizada, Porto Editora, pp. 855-857

Correção

O Homem	O escritor
25/11/1845 - Nascimento na Póvoa de Varzim	1870 - Publicação em folhetins, no <i>Diário de Notícias</i> , da novela escrita com Ramalho Ortigão, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> .
1861 - Estudante de leis em Coimbra	1871 - Lançamento de <i>As Farpas</i> .
1867 - Adesão ao Cenáculo.	1872 - Publicação de <i>O Primo Basílio</i> .
1869 - Viagem ao Oriente para assistir à inauguração do canal de Suez.	
1871 - Profere a conferência do Casino.	
1872 - Colocação em Havana como diplomata.	
1874 - Funções diplomáticas em Inglaterra.	
1889 - Nomeação de Cônsul para Paris.	1888 - Publicação de <i>Os Maias</i> .
1889/1892 - Fundação da Revista de Portugal, onde colabora com outros amigos.	1889/1890 - Publicação na "Revista de Portugal" de <i>Correspondência de Fradique Mendes</i> .
16/08/1900 - Morte, em Neuilly (Paris).	1897 - Publicação na "Revista Moderna" de <i>A Ilustre Casa de Ramires</i> .

Verificação da leitura



Eça de Queirós Os Maias

1. Assinala as afirmações com **verdadeiro (V)** ou **falso (F)** e **corrige** as falsas:

- 1.1. A intriga gira à volta de uma família aristocrática.
- 1.2. A narrativa inicia-se em 1875, um ano após a data de formatura de Carlos da Maia.
- 1.3. No passado, Afonso, que tivera uma relação conflituosa com o seu pai, foi viver para França em virtude das suas ideias liberais.
- 1.4. Quando o seu pai morre, Afonso regressa a Portugal, mantém os seus ideais e casa com Maria Eduarda Runa.
- 1.5. Afonso, Maria Eduarda e Pedro vivem em Inglaterra durante alguns anos, de onde regressam porque Afonso não pode viver afastado de Portugal.
- 1.6. Após a morte da mãe, Pedro iniciou uma vida de excessos e crises que só terminou quando foi estudar para Coimbra.
- 1.7. Pedro e Maria habitavam uma casa em Arroios e tiveram um filho e uma filha.
- 1.8. Pedro suicida-se, porque a sua mulher decide enfrentar Afonso da Maia.
- 1.9. A fuga da mãe e o suicídio do pai determinam a separação dos irmãos.
- 1.10. Após o suicídio de Pedro, a família muda-se para o Douro, onde um preceptor inglês, Mr. Brown, se encarrega da educação de Carlos.
- 1.11. A educação de Carlos e Maia e Eusebiozinho diferiam, já que Carlos tinha uma educação que valorizava o rigor, a criatividade, o juízo crítico e Eusebiozinho uma educação tradicionalista onde era essencial o estudo da cartilha e o apelo à memória.
- 1.12. Carlos decide ser médico, mesmo contra a vontade do avô.
- 1.13. A decoração do consultório de Carlos revela o seu temperamento sóbrio.
- 1.14. Os relacionamentos de Carlos e Ega com a Gouvarinho e a Cohen, respectivamente, constituem uma crítica ao adultério praticado pela alta sociedade lisboeta.
- 1.15. Carlos envolve-se amorosamente com a sua prima Maria Eduarda.
- 1.16. Carlos não se culpa pela morte de Afonso da Maia.

Adaptado de *Outros Percursos*, ASA e *Comunicar 11*, Porto Editora.

Pontuação:

5 pontos- respostas corretas

0 pontos- respostas incorretas

Avaliação:**Menos de 39 pontos-** Insuficiente**De 40 a 55 pontos-** Suficiente**De 60 a 80 pontos-** Bom**Correção da ficha de verificação da leitura**

Questão	Resposta	Correção
1.1.	V	
1.2.	V	
1.3	F	No passado, Afonso, que tivera uma relação conflituosa com o seu pai, foi viver para Inglaterra em virtude das suas ideias liberais.
1.4	V	
1.5.	F	Afonso, Maria Eduarda e Pedro vivem em Inglaterra durante alguns anos, de onde regressam, porque Maria Eduarda adoece em virtude de sentir falta de Portugal, do sol, da religião.
1.6.	F	Após a morte da mãe, Pedro iniciou uma vida de excessos e crises até ao dia em que se apaixonou por Maria Monforte.
1.7.	V	
1.8.	F	Pedro suicida-se, porque a mulher o abandona para fugir com Tancredo.
1.9.	V	
1.10.	V	
1.11.	V	

1.12.	F	Carlos decide ser médico, <u>cumprindo a vontade do avô.</u>
1.13.	F	A decoração do consultório de Carlos revela o seu temperamento <u>exuberante.</u>
1.14.	V	
1.15.	V	
1.16.	F	Carlos <u>culpa-se</u> pela morte de Afonso da maia.

Os Maias, Eça de Queirós

Pré-leitura

1. Avança uma explicação para o conteúdo da obra a partir do título: “Os Maias”.
2. Sugere uma interpretação para o subtítulo: “Episódios da vida romântica”.



Leitura

Lê, atentamente, os seguintes excertos, pertencentes ao primeiro capítulo da obra *Os Maias*.

I

Esta existência nem sempre assim correra com a tranquilidade larga e clara dum belo rio de verão. O antepassado, cujos olhos se enchiam agora duma luz de ternura diante das suas rosas, e que ao canto do lume relia com gosto o seu Guizot, fora, na opinião de seu pai, algum tempo, o mais feroz Jacobino de Portugal! E todavia, o furor revolucionário do pobre moço consistira em ler Rousseau, Volney, Helvécio, e a 'Enciclopédia'; em atirar foguetes de lágrimas à Contituição; e ir, de chapéu à liberal e alta gravata azul, recitando pelas lojas maçónicas odes abomináveis ao Supremo Arquitecto do Universo. Isto, porém, bastara para indignar o pai. Caetano da Maia era um português antigo e fiel que se benzia ao nome de Robespierre, e que, na sua apatia de fidalgo beato e doente, tinha só um sentimento vivo – o horror, o ódio ao jacobino, a quem atribuía todos os males, os da pátria e os seus, desde a perda das colónias até às crises da sua gota. Para extirpar da nação o jacobino, dera ele o seu amor ao infante D. Miguel, messias forte e restaurador providencial... E ter justamente por filho um jacobino, parecia-lhe uma provação comparável só às de Job!

Ao princípio, na esperança que o menino se emendasse, contentou-se em lhe mostrar um carão severo e chamar-lhe com sarcasmos- *cidadão!* Mas quando soube que seu filho, o seu herdeiro, se misturar à turba que, numa noite de festa cívica e de luminárias, tinha apedrejado as vidraças apagadas do senhor legado de Áustria, enviado da Santa Aliança, considerou o rapaz um Marat e toda a sua cólera rompeu. Agora cruel, cravando-o na poltrona, não lhe deixou espancar o mação, com a sua bengala da Índia, à lei de bom pai português: mas decidiu expulsá-lo de sua casa, sem mesada e sem

bênção, renegado como um bastardo! Que aquele pedreiro-livre não podia ser do seu sangue. (Cap. I, pp. 13 e 14)

II

Foi então que conheceu Maria Eduarda Runa, filha do conde de Runa, uma linda morena, mimosa e um pouco adoentada. Ao fim do luto casou com ela. Teve um filho, desejou outros; e começou logo, com belas ideias de patriarca moço, a fazer obras no palacete de Benfica, a plantar em redor arvoredos, preparando tetos e sombras à
5 descendência amada que lhe encantaria a velhice.

Mas não esquecia a Inglaterra: - e tornava-lha mais apetecida essa Lisboa miguelista que ele via desordenada como uma Tunes barbaresca; essa rude conjuração apostólica de frades e baleeiros, atroando tavernas e capelas; essa plebe beata, suja e feroz, rolando do lausperene para o curro, e ansiando tumultuosamente pelo príncipe que lhe
10 encarnava tão bem os vícios e as paixões...

Este espectáculo indignava Afonso da Maia; e muitas vezes, na paz do serão, entre amigos, com o pequeno nos joelhos, exprimiu a indignação da sua alma honesta. Já não exigia de certo, como em rapaz, uma Lisboa de Catões e de Múcios Cévolas. Já admitia mesmo o esforço de uma nobreza para manter o seu privilégio histórico; mas então
15 queria uma nobreza inteligente e digna como a aristocracia *Tory* (que o seu amor pela Inglaterra lhe fazia idealizar), dando em tudo a direção moral, formando os costumes e inspirando a literatura, vivendo com fausto e falando com gosto, exemplo de ideias altas e espelho de maneiras patricias... o que não tolerava era o mundo de Queluz, bestial e sórdido.

20 Tais palavras, apenas soltas, voavam a Queluz. E quando se reuniam as cortes gerais, a política invadiu Benfica, "a procurar papéis e almas escondidas."

Afonso da Maia, com o seu filho nos braços e a mulher tremendo ao lado- viu, impassivelmente e sem uma palavra, a busca, as gavetas arrombadas pela coronha das escopetas, as mãos sujas do malsim rebuscando os colchões do seu leito. O senhor juiz
25 de fora não descobriu nada: aceitou mesmo na copa um cálice de vinho, e confessou ao mordomo "que os tempos iam bem duros..." Desde essa manhã as janelas do palacete conservaram-se cerradas; não se abriu mais o portão nobre para sair o coche da senhora; e daí a umas semanas, com a mulher e com o filho, Afonso da Maia partia para a Inglaterra e para o exílio. (Cap. I pp. 15 e 16)

Compreensão escrita

Responde às questões que se seguem, de forma clara e completa.

1. “O antepassado, cujos olhos se enchiam agora duma luz de ternura diante das suas rosas (...)” (**Excerto I, l. 2,3**)

1.1. **Identifica** a quem se refere o narrador.

1.2. **Distingue**, em termos políticos, Caetano da Maia do seu filho, Afonso da Maia.

1.3. **Aponta** as razões pelas quais Caetano da Maia se mostra avesso às ideias liberais.

2. “(...) mas decidiu expulsá-lo de sua casa, sem mesada e sem bênção, renegado como um bastardo!” (**Excerto I, l. 21, 22**)

2.1. **Indica** para onde vai Afonso da Maia após ter saído da casa dos pais e que acontecimento o faz regressar.

3. Quais são as críticas que Afonso aponta ao seu país, por oposição a Inglaterra?

4. Por que razão foram feitas buscas na casa de Benfica e porquê?

4.1. Que consequências daí advieram?

Adaptado de *Outros Percursos*, ASA.

Bom trabalho!



Trabalho de grupo



Os Maias

As personagens

1. De acordo com a leitura global da obra e dos excertos transcritos, **procede** à caracterização física e psicológica da personagem que foi atribuída ao teu grupo.

1

Afonso da Maia- Grupo I

“Afonso era um pouco baixo, maciço de ombros quadrados e fortes: e com a sua face larga de nariz aquilino, a pele corada, quase vermelha, o cabelo branco todo cortado à escovinha, e a barba aguda e longa- lembrava, como dizia Carlos, um varão esforçado das idades heróicas, um D. Duarte de Meneses ou um Afonso de Albuquerque. E isto
5 fazia sorrir o velho, recordar ao neto, gracejando, quanto as aparências iludem!

Não, não era Menezes, nem Albuquerque, apenas um antepassado bonacheirão que amava os seus livros, o conchego da sua poltrona, o seu *whist* ao canto do fogão. Ele mesmo costumava dizer que era simplesmente um egoísta: - mas nunca como agora na velhice, as generosidades do seu coração tinam sido tão profundas e largas. Parte do
10 seu rendimento ia-se-lhe por entre os dedos, esparsamente, numa caridade enternecida. Cada vez amava mais o que é pobre e o que é fraco.” (pág. 12)

“Esta existência nem sempre assim correria com a tranquilidade larga e clara de um belo rio de Verão. O antepassado, cujos olhos se enchiam agora de uma luz de ternura diante das suas rosas, e que ao canto do lume relia com gosto o seu Guizot, fora, na
15 opinião de seu pai, algum tempo, o mais feroz jacobino de Portugal! E todavia, o furor revolucionário do pobre moço consistira em ler Rousseau, Volney, Helvécio, e a “Enciclopédia”; em atirar foguetes de lágrimas à Constituição; e ir, de chapéu à liberal e alta gravata azul, recitando pelas lojas maçónicas odes abomináveis ao Supremo Arquitecto do Universo. Isto, porém, bastara para indignar o pai. Caetano da Maia era
20 um português antigo e fiel que se benzia ao nome de Robespierre, e que, na sua apatia de fidalgo beato e doente, tinha só um sentimento vivo- o horro, o ódio ao jacobino, a quem atribuía todos os males, os da pátria e os seus, desde a perda das colónias até às crises da sua gota. Para extirpar da nação o jacobino, dera ele o seu amor ao senhor

25 infante D. Miguel, messias forte e restaurador providencial... E ter justamente por filho um jacobino, parecia-lhe uma provação comparável só às de Job!

30 Ao princípio, nas esperança que o menino se emendasse, contentou-se em lhe mostrar um carão severo e chamar-lhe com sarcasmo- *cidadão!* Mas quando soube que seu filho, o seu herdeiro, se misturara à turba que, numa noite de festa cívica e de luminárias, tinha apedrejado as vidraças apagadas do senhor legado de Áustria, enviado por Snata Aliança- considerou o rapaz um Marat e toda a sua cólera rompeu." (pág. 13).

35 "(...) O clarão chegava, crescendo; passos lentos, pesados, pisavam surdamente o tapete; a luz surgiu- e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espectral,. Carlos não se moveu sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, caíram sobre ele, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem um palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sobre o veludo, espalhava um tom de sangue- e os seus passos prederam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, como se fossem os derradeiros que devesse dar na vida!" (págs. 667-668)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

2

Pedro da Maia- Grupo II

5 "O Pedrinho no entanto estava quase um homem. Ficara pequenino e nervoso com Maria Eduarda, tendo pouco da raça, da força do Maias; a sua linda face oval de um trigueiro cáldo, dois olhos maravilhosos e irresistíveis, prontos sempre a humedecer-se, faziam-no assemelhar a um belo árabe. Desenvolvera-se lentamente, sem curiosidades, indiferente a brinquedos, a animais, a flores, a livros. Nenhum desejo forte parecera jamais vibrar naquela alma meio adormecida e passiva: só às vezes dizia que gostaria muito de voltar para a Itália. Tomara birra ao padre Vasques, mas não ousava desobedecer-lhe. (...)" (pág. 20)

10 "Quando a mãe morreu, numa agonia terrível de devota, debatendo-se dias nos pavores do Inferno, Pedro teve na sua dor os arrebatamentos de uma loucura. Fizera a promessa histérica, se ela escapasse, de dormir durante um ano sobre as lajes do pátio: e levado o caixão, saídos os padres, caiu numa angústia soturna, obtusa, sem lágrimas, de que não queria emergir, estirado de bruços sobre a cama numa obstinação de penitente. (...)" (pág. 21)

15 “Ao fim de um ano de distúrbios no Marrare, de façanhas nas esperas de toiros, de cavalos esfalfados, de pateadas em S. Carlos, começaram a reaparecer as antigas crises de melancolia nervosa; voltavam esses dias taciturnos, longos como desertos, passados em casa a bocejar pelas salas, ou sob alguma árvore da quinta todo estirado de bruços, como despenhado num fundo de amargura. (...)” (pág. 21)

20 “Uma sombria tarde de dezembro, de grande chuva, Afonso da Maia estava no seu escritório lendo, quando a porta se abriu violentamente, e, alçando os olhos do livro, viu Pedro diante de si. Vinha todo enlameado, desalinhado, e na sua face lívida, sob os cabelos revoltos, luzia um olhar de loucura. (...)” (pág. 52)

25 “A madrugada clareava, Afonso ia adormecendo- quando de repente um tiro atroou a casa. Precipitou-se do leito, despido e gritando: um criado acudia também com uma lanterna. Do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, numa poça de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou o seu filho morto, apertando uma pistola na mão.” (pág. 52)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

3

Maria Monforte- Grupo III

5 “Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica: os olhos maravilhosos iluminavam-na toda; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnação de mármore: e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia- pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.” (pág. 22)

10 “Nunca Maria Monforte aparecera mais bela: tinha uma dessas *toilettes* excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa, e faziam dizer às senhoras que ela se vestia ‘como uma cómica’. Estava de seda cor de trigo, com duas rosas amarelas e uma espiga nas tranças, opalas sobre o colo e os braços; e estes tons de seara madura batida do sol, fundindo-se com o ouro dos cabelos, iluminando-lhe a carnação ebúrnea, banhando as suas formas de estátua, davam-lhe o esplendor de uma Ceres.” (pág. 26)

15 “Nunca Maria fora tão formosa. A maternidade dera-lhe um esplendor mais copioso; e enchia verdadeiramente, dava luz aquelas altas salas de Arroios, com a suas radiante figura de Juno loira, os diamantes das tranças, o ebúrneo e o lácteo do colo nu, e o rumor das grandes sedas. Com razão, querendo ter, à maneira das damas da

Renascença, uma flor que a simbolizasse, escolhera a tília real, opulenta e ardente.”
(pág. 36)

20 “É uma fatalidade, parto para sempre com Tancredo, esquece-me que não sou
digna de ti, e levo a Maria, que me não posso separar dela.” (pág. 46)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

4

Carlos da Maia- Grupo IV

5 “Era decerto um formoso e magnífico moço, alto, bem feito, de ombros largos,
com uma testa de mármore sob os anéis dos cabelos pretos, e os olhos dos Maias,
aqueles irresistíveis olhos do pai, de um negro líquido, ternos como os dele e mais
graves. Trazia a barba toda, muito fina, castanho-escura, rente na face, aguçada no
queixo- o que lhe dava, com o bonito bigode arqueado aos cantos da boca, uma
fisionomia de belo cavaleiro da Renascença.” (pág. 96)

10 “Carlos mobilou-o com luxo. Numa antecâmara, guarnecida de banquetas de
marroquim, devia estacionar, à francesa, um criado de libré. A sala de espera dos
doentes alegrava com o seu papel verde de ramagens prateadas, as plantas em vasos
de Ruão, quadros de muita cor, e ricas poltronas cercando a jardineira coberta de
coleções do *Charivari*, de vistas estereoscópicas, de álbuns de atrizes seminuas, para
tirar inteiramente o ar triste de consultório, até um piano mostrava o seu teclado
branco.

15 O gabinete de Carlos ao lado era mais simples, quase austero, todo em veludo
verde-negro, com estantes de pau-preto. Alguns amigos que começavam a cercar
Carlos, Taveira, seu contemporâneo e agora vizinho do *Ramalhete*, o Cruges, o marquês
de Souselas, com quem percorrera a Itália- vieram ver estas maravilhas. O Cruges correu
uma escala no piano e achou-o abominável; Taveira absorveu-se nas fotografias de
atrizes; e a única aprovação franca veio do marquês, que depois de contemplar o divã
20 do gabinete, verdadeiro móvel de serralho, vasto, voluptuoso, fofo, experimentou-lhe a
doçura das molas e disse, piscando o olho a Carlos:

- A calhar.” (pág. 99)

25 “De resto ocupava-se sempre dos seus cavalos, do seu luxo, do seu bricabraque.
E através de tudo isto, em virtude dessa falta dispersão de curiosidade que, no meio do
caso mais interessante de patologia, lhe fazia voltar a cabeça, se ouvia falar de um

estátua ou de um poeta, atraía-o singularmente a antiga ideia do Ega, a criação de ma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa...” (pág. 129)

30 “Riram ambos. Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava. Era o fatalismo muçulmano. Nada desejar e nada recluir... Não se abandonar a uma esperança- nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade como que se acolhem as naturais mdanças de dias agrestes e de dias
35 ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo... Sobretudo não ter apetites. E, mais que todo, não ter contrariedades.” (pág. 715)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

5

Maria Eduarda da Maia- Grupo V

5 “(...) ofereceu a mão a uma senhora alta, loira, com um meio véu muito apertado e muito escuro que realçava o esplendor da sua carnação ebúrnea. Craft e Carlos afastaram-se, ela passou diante deles, com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem-feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de oiuro, e um aroma no ar.” (págs. 156-157)

10 “ Os cabelos não eram loiros, como julgava de longe à claridade do sol, mas de dois tons castanho-claro e castanho-escuro, espessos e ondeando ligeiramente sobre a testa. Na grande luz escura dos seus olhos havia ao mesmo tempo alguma coisa de muito grave e de muito doce. Por um jeito familiar cruzava às vezes, ao falar, as mãos sobre os joelhos. E através da manga justa de sarja, terminando num punho branco, ele sentia a beleza, a brancura, o macio, quase o calor dos seus braços.” (pág. 349)

15 “Nascera em Viena; mas pouco se recordava dos tempos de infância, quase nada sabia do papá, a não ser a sua grande nobreza e a sua grande beleza. Tivera uma irmãzinha que morrera de dois anos e que se chamava Heloísa. A mamã, mais tarde, quando ela era já rapariga, não tolerava que lhe perguntassem pelo passado; e dizia sempre que remexer a memória das coisas antigas prejudicava tanto como sacudir uma garrafa de vilno velho... De Viena apenas recordava confusamente largos passeios de árvores, militares vestidos de branco, e uma casa espelhada e dourada onde se dançava.

(...)

20 A mamã ao princípio vinha vê-la todos os meses, demorando-se em Tours dois, três dias; trazia-lhe uma profusão de presentes, bonecas, bombons, lenços bordados, vestidos ricos, que não lhe permitia usar a regra do convento. Davam então passeios de carruagem pelos arredores de Tours: e havia sempre oficiais a cavalo, que escoltavam a caleche- e tratavam a mamã por tu. (...) Depois a mamã começou a aparecer menos em
25 Tours. Esteve um ano longe, quase sem escrever, viajando na Alemanha; voltou um dia, magra e coberta de luto, e ficou toda a manhã abraçada a ela a chorar.

(...) Ela tinha então quase dezasseis anos: pela sua aplicação, os seus modos doces e graves, ganhara a afeição da Madre Superiora- que às vezes, olhando-a com tristeza, acariciando-lhe o cabelo caído em duas tranças segundo a regra, lhe mostrava o desejo de a conservar sempre a seu lado. Le *monde*, dizia ela, *ne vous sera bon, à rien, mon enfant!*... Um dia, porém, apareceu para a levar a Paris, para a mamã, uma Madame de Chavigny, fidalga pobre, de caracóis brancos, que era como uma estampa de
30 severidade e de virtude. (...)

(...)

35 Mudaram-se então para um terceiro andar da Chaussée-d'Autin. Aí começou a aparecer uma gente desconhecida e suspeita. Eram valacos de grandes bigodes, peruanos com diamantes falsos, e condes romanos que escondiam para dentro das mangas os punhos enxovalhados... Por vezes, entre esta malta, vinha algum *gentleman*- que não tirava o paletó, como num café-concerto. Um desses foi um irlandês, muito moço, Mac Gren... Madame de Chavigny deixara-as desde que faltara o *coupé* severo,
40 acolchoado de cetim; e ela, só com a mãe, insensivelmente, fatalmente, fora-se misturando a essa vida tresnoitada de grogues e de bacará.

(...) A mamã, uma manhã, partiu com uma súcia para Baden. Fiquei em Paris só, num hotel... Tinha um palpite, um terror que Trevernnes aparecia... E eu só! Estava tão transtornada que pensei em comprar um revolver... Mas quem veio foi Mac Gren. (Pág. 508 -510)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

6

João da Ega- Grupo VI

(...) o grande João da Ega, a quem Afonso da Maia se afeiçoara muito, por ele e pela sua originalidade, e por ser sobrinho de André da Ega, velho amigo da sua mocidade e, muitas vezes outrora, hóspede também em Santa Olávia.

Anexo 5

5 Ega andava-se formando em Direito, mas devagar, muito pausadamente- ora reprovado, ora perdendo o ano. Sua mãe, rica, viúva e beata, retirada numa quinta. ao pé de Celorico de Bastos com uma filha beata, viúva e rica também, tinha apenas uma noção vaga de que o Joãozinho fizera, todo esse tempo, em Coimbra. O capelão afirmava-lhe que tudo havia de acabar a contento, e que o menino seria um dia doutor como o papá e como o titi. (...) Estimava mesmo que o filho estivesse em Coimbra, ou 10 algures, longe da quinta, que ele escandalizava com a sua irreligião e as suas facécias heréticas.

João da Ega, com efeito, era considerado não só em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o: por 15 sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a Ordem social: queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimónio, a repartição das terras, o culto de Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia; e, com a figura esgrouviada e seca, os pêlos do bigode arrebitados sob o nariz adunco, um quadrado de vidro entalado no olho direito- tinha 20 realmente alguma coisa de rebelde e satânico. Desde a sua entrada na universidade, renovara as tradições da antiga boémia: trazia os rasgões da batina cosidos a linha branca; embebedava-se com carrascão; à noite, na Ponte, com o braço erguido, atirava injúrias a Deus. E no fundo muito sentimental, enleado sempre em amores por meninas de quinze anos, filhas de empregados, com quem às vezes ia passar a *soirée*, levando- 25 lhes cartuchinhos de doce. A sua fama de fidalgote rico tornava-o apetecido nas famílias. (pág. 92 e 93)

Carlos mirava aquelas luvas do Ega; e as polainas de casimira, e o cabelo que ele trazia crescido com uma mecha frisada na testa; e na gravata de cetim com uma ferradura de opalas! Era outro Ega, um Ega *dandy*, vistoso, paramentado, artificial e com 30 pó de arroz (...) (pág. 105)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

7

Castro Gomes- Grupo VII

(...) Saudando e risonho, Castro Gomes sentou-se vagarosamente. No peito da sobrecasaca muito justa trazia um botão de rosa; os seus sapatos de verniz resplandesciam sobre as polainas de linho; no rosto chupado, queimado, a barba negra

5 terminava em bico; os cabelos rareavam-lhe na risca; e mesmo a sorrir tinha um ar de
5 segura, fadiga. (pás 478)

10 - O meu caso é este, Sr. Carlos da Maia. Há pessoas em Lisboa que me não
5 comecem decerto, mas que sabem a esta hora que existe algures, em Paris, no Brasil ou
no Inferno, um certo Castro Gomes, que tem uma mulher bonita, e que a mulher desse
Castro Gomes tem em Lisboa um amante. Isto é desagradável., sobretudo por ser falso.
10 E Vossa Excelência compreende que não devo continuar a arrastar por mais tempo a
fama de marido *infeliz*, visto que a não mereço, e que a não posso legalmente ter... É
por isso que aqui venho, muito francamente, de *gentleman* para *gentleman*, dizer-lhe,
como tenho tenção de dizer a outros, que aquela senhora não é minha mulher. (...)

15 - São as ridículas cenas da vida... O Sr. Carlos da Maia está aí a ver coisas. É a
15 velha, a clássica história... Há três anos que eu vivo com essa senhora; quando tive o
Inverno passado de ir ao Brasil, trouxe-a a Lisboa para não vir sozinho. Fomos para o
Hotel Central. Vossa Escelência compreende perfeitamente que eu não fui fazer
confidências ao gerente do estabelecimento. Aquela senhora vinha comigo, dormia
20 comigo, portanto, para todos os efeitos do hotel , era minha mulher. Como mulher de
Castro Gomes ficou no Central; como mulher do Castro Gomes alugou depois uma casa
na Rua deS Francisco; como mulher de Castro Gomes tomou enfim um amante... Deu-se
sempre como mulher de Castro Gomes, mesmo nas cirsunstâncias mais desagradáveis
para Castro Gomes... E, meu Deus! não podemos realmente condená-la muito... Achava-
25 se por acaso revestida de uma excelente posição social e de um nome puro, seria mais
que humano que o seu amor da verdade a levasse, apenas conhecia alguém, a declarar
que posição e nome eram de préstimo e ela era apenas «Fulana de tal, amigada...». De
resto sejamos justo, ela não era moralmente a dar semelhantes explicações ao tendeiro
que lhe vendia a manteiga, ou à matrona que lhe alugava a casa.: nem mesmo, penso
30 eu, a ninguém, a não ser a um pai que lhe quisesse apresentar sua filha, saída do
convento... Demais a mais sou eu que tenho um pouco a culpa; muitas vezes em coisas
relativamente delicadas , lhe deixei usar o meu nome. Foi, por exemplo, com o nome de
Castro Gomes que ela tomou a governanta inglesa. As inglesas são tão exigentes!...
Aquela, sobretudo, uma rapariga tão séria... Enfim tudo isso passou... O que importa
35 agora é que eu lhe retiro solenemente o nome que lhe emprestara; e ela fica apenas
com o seu, que é Madame Mac gren. (pág. 480-482)

Adaptado de *Comunicar 11*, Porto Editora

Expressão escrita

Os Maias As personagens



1. A partir das apresentações dos vários grupos, **preenche o quadro** que se segue:

Personagem	Caracterização física	Caracterização Psicológica
Afonso da Maia		
Pedro da Maia		
Maria Monforte		
Carlos da Maia		

Maria Eduarda da Maia		
João da Ega		
Castro Gomes		

Bom trabalho!

Ficha de autoavaliação- trabalho de grupo

Nome: _____ Nº: _____ Turma: _____

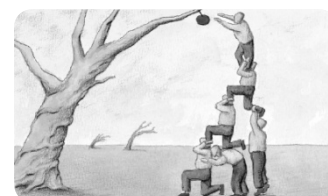
Data : _____

Tema: _____

Parâmetros	Sim	Não
Particpei ativamente nas tarefas a realizar, aquando da realização do trabalho.		
Intervim sempre que necessário, expondo as minhas opiniões e ideias.		
Respeitei as intervenções dos restantes elementos do grupo.		
Tive um bom relacionamento com os elementos do grupo.		
Cumpri as tarefas estabelecidas pelo grupo.		
Colaborei na apresentação oral do trabalho.		

As dificuldades que encontrei foram:

Bom trabalho!



Avaliação- Apresentação oral

Tema:

Data:

Nº	Alunos	Seleção e sistematização da informação	Explicação e articulação da informação	Rigor científico	Capacidade comunicativa	Vocabulário utilizado	Contacto visual	Gestão do tempo	Total	Média
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										
15										
16										
17										
18										
19										
20										
21										
22										

Terminologia a adotar: 1- Fraco 2- Não Satisfaz 3- Satisfaz 4- Bom 5- Muito Bom